



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Estilos parentais e aceitação social de crianças em idade pré-escolar: Efeito mediador dos problemas de comportamento.

Clémence Da Eira Freitas

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Prof.^ª Doutora Cecília Aguiar, Professora Auxiliar,
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Coorientadora:

Dra. Ana Margarida Fialho, Bolseira de Doutoramento,
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2020

Agradecimentos

Com a finalização desta tese de mestrado quero agradecer a algumas pessoas que foram muito importantes nesta longa caminhada.

Em primeiro lugar quero agradecer à minha família por acreditarem sempre em mim e pela sua compreensão.

Ao meu namorado, pelo constante suporte, paciência e compreensão nos momentos de desespero.

Quero agradecer também à minha orientadora, a Prof.^a Doutora Cecília Aguiar e à minha coorientadora, a Dra. Ana Margarida Fialho pela orientação e ajuda que me disponibilizaram ao longo da realização desta tese de mestrado.

A todos aqueles que de algum modo estiveram presentes ao longo do meu caminho.

A todos, o meu muito obrigado!

Resumo

Os estilos parentais têm impacto em vários aspetos do comportamento das crianças e também na aceitação social destas na escola. Este estudo tem como objetivo geral explorar o efeito mediador dos problemas de comportamento na relação entre estilos parentais e aceitação social de crianças em idade pré-escolar. Pretende-se ainda analisar eventuais diferenças nestes constructos em função do sexo da criança.

Participaram neste estudo 337 crianças (174 meninas e 163 meninos) com idades compreendidas entre 41.66 meses e os 75.63 meses ($M= 60.16$, $DP= 7.86$), as suas mães e 58 educadoras de jardins de infância da Área Metropolitana de Lisboa, tendo sido recolhidas as informações junto das crianças, das suas respetivas mães e das educadoras. Os principais resultados do presente estudo evidenciaram diferenças estatisticamente significativas entre crianças do sexo feminino e crianças do sexo masculino quanto aos problemas de comportamento externalizantes, com as crianças do sexo masculino a apresentarem resultados mais elevados. Verificou-se também um efeito positivo e significativo do estilo autoritário sobre os problemas de comportamento externalizantes. Verificou ainda uma relação de mediação, com o estilo autoritário associado à aceitação social das crianças em contexto pré-escolar, por intermédio dos problemas de comportamento externalizantes.

Os resultados deste estudo fornecem dados relevantes para o desenvolvimento de futuras investigações na área da parentalidade.

Palavras-chave: estilos parentais, problemas de comportamento, aceitação social, crianças em idade pré-escolar

Abstract

Parental styles have an impact on various aspects of children's behavior and also on their social acceptance at school. This study aims to explore the mediating effect of behavioural problems in the relationship between parenting styles and social acceptance of preschool children. It is also intended to analyse possible differences in these constructs according to the child's gender.

The sample consisted of 337 children (174 girls and 163 boys) aged between 41.66 months and 75.63 months ($M=60.16$, $DP=7.86$), their mothers and 58 educators from the Metropolitan Area of Lisbon, and information has been collected from children, their mothers and educators. The main results of this study showed statistically significant differences between female and male children in relation to externalizing behavioral problems, with male children showing higher results. There was also a positive and significant effect of the authoritarian style on externalizing behavioural problems. However, as regards the general objective, there was a mediation effect, with an authoritarian style associated with the social acceptance of preschool children, through externalizing behavioral problems.

The results of this study provide relevant data for the development of future parenting investigations.

Keywords: parenting style, behaviour problems, social acceptance, preschool children

Índice Geral

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract.....	vii
Introdução.....	1
CAPÍTULO 1	3
Revisão de literatura	3
1.1. Parentalidade.....	3
1.1.1. Estilos parentais.....	3
1.1.1.1. Estilo autoritário.....	4
1.1.1.2. Estilo permissivo.....	5
1.1.1.3. Estilo autoritativo.....	5
1.1.2. Variáveis sociodemográficas e estilos parentais	6
1.1.2.1. Nível socioeconómico dos pais e estilos parentais	6
1.1.2.2. Sexo das crianças e estilos parentais.....	6
1.2. Aceitação social	7
1.2.1. Aceitação social e estilos parentais	8
1.2.2. Aceitação social e problemas de comportamento.....	8
1.3. Problemas de comportamento em idade escolar	9
1.3.1. Estilos parentais e problemas de comportamento.....	9
1.3.2. Estilos parentais, problemas de comportamento e aceitação social	10
1.4. Objetivos e hipóteses	11
CAPÍTULO 2	13
Método.....	13
2.1. Participantes.....	13
2.1.1. Educadores e grupos/instituições	13
2.1.2. Crianças.....	13
2.1.3. Famílias.....	14
2.2. Instrumentos	14
2.2.1. Estilos parentais	14

2.2.2. Temperamento	15
2.2.3. Aceitação social	16
2.2.4. Comportamentos externalizantes e internalizantes	16
2.2.5. Competência verbal.....	17
2.2.6. Questionário sociodemográfico	17
2.3. Procedimento	17
2.3.1. Recolha de dados	17
2.3.2. Análise dos dados	19
CAPÍTULO 3	21
Resultados.....	21
3.1. Análise descritiva das variáveis em estudo	21
3.2. Estudo das associações entre as variáveis em estudo	24
3.3. Modelos de mediação	27
CAPÍTULO 4	35
Discussão	35
4.1. Limitações e futuras investigações	36
Conclusões.....	37
Referências Bibliográficas.....	38

Índice de Quadros

Quadro 1: Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos das variáveis em estudo.....	23
Quadro 2: Matriz de correlações entre os estilos parentais, a aceitação social, os problemas de comportamento e as variáveis de controlo.....	26
Quadro 3: Efeito do estilo permissivo na aceitação social mediado pelos problemas de comportamento externalizantes.....	28
Quadro 4: Efeito do estilo permissivo na aceitação social mediado pelos problemas de comportamento internalizantes.....	29
Quadro 5: Efeito do estilo autoritário na aceitação social mediado pelos problemas de comportamento externalizantes.....	30
Quadro 6: Efeito do estilo autoritário na aceitação social mediado pelos problemas de comportamento internalizantes.....	31
Quadro 7: Efeito do estilo autoritativo na aceitação social mediado pelos problemas de comportamento externalizantes.....	33
Quadro 8: Efeito do estilo autoritativo na aceitação social mediado pelos problemas de comportamento internalizantes.....	34

Introdução

O presente estudo enquadra-se na temática da parentalidade em idade pré-escolar. A família é o primeiro contexto social onde a criança recebe as condições necessárias para um desenvolvimento equilibrado. A família é, assim, o alicerce primordial da criança no seu contacto com o mundo, na socialização e na aprendizagem de várias competências (Santos, 2016). O modo como os pais atuam em relação à criança, além de ter um efeito imediato, tem também um impacto significativo a longo prazo no bem-estar subjetivo desta (Guerreiro, 2013). Nos últimos anos, têm sido realizados vários estudos que visam analisar os estilos parentais adotados pelas figuras parentais. Os estilos parentais referem-se ao clima emocional global da relação entre os pais e a criança (Steinberg & Silk, 2002).

No período pré-escolar, muitas crianças são expostas pela primeira vez a um grande número de pares fora do contexto familiar (Fabes, Martin, & Hanish, 2009). Estas experiências com os pares são importantes para o desenvolvimento da criança, pois é neste contexto de interação que a criança vai adquirir uma diversidade de comportamentos, competências, atitudes e experiências que irão influenciar os processos de adaptação ao longo da vida (Camargo & Bosa, 2009). Em Portugal, a parentalidade em idade pré-escolar tem sido estudada sobretudo de modo a compreender-se a influência dos estilos parentais no auto-conceito e desempenho académico da criança (eg. Pires, 2009), na adaptação psicossocial da criança (eg. Freitas, 2012) e nas relações de vinculação (eg. Cardoso & Veríssimo, 2013; Simões & Pocinho, 2011) sendo que ainda é escassa a literatura em Portugal sobre a associação entre os estilos parentais, a aceitação social e os problemas de comportamento em idade pré-escolar. Faz sentido estudar-se a associação entre estes conceitos na medida em que o clima escolar poderá ter manifestação nos problemas de comportamento nas crianças e para o esclarecimento da influência dos estilos parentais na aceitação social das crianças. Os estilos parentais adotados pelos pais revelam-se como importantes indicadores da qualidade inerente à execução das funções parentais e do próprio comportamento dos filhos (Santos, 2013).

Desta forma para a realização deste estudo foram recolhidas informações de diferentes informadores (mãe, educadores de infância e junto da própria criança). Posto isto, com o propósito de contribuir para a compreensão da influência dos estilos parentais na aceitação social das crianças pelos pares e dos problemas de comportamento na idade pré-escolar, este estudo tem como objetivo geral testar o efeito mediador dos problemas de comportamento internalizantes e externalizantes na relação entre estilos parentais e a aceitação social,

controlando o temperamento e a competência verbal da criança na medida em que poderá produzir alguma interferência na análise da relação entre estas variáveis. Pretende-se, ainda, analisar as diferenças dos estilos parentais, da aceitação social e dos problemas de comportamento em função do sexo da criança.

Relativamente à estrutura do presente trabalho, este encontra-se dividido em quatro capítulos principais. No primeiro capítulo, é realizado um enquadramento teórico que suporta as hipóteses de estudo. A revisão de literatura está dividida em três temáticas: os estilos parentais, a aceitação social pelos pares e os problemas de comportamento no jardim-de-infância. O segundo capítulo descreve os aspetos metodológicos, onde são descritos os participantes, os instrumentos bem como os procedimentos de recolha e de análise dos dados. No terceiro capítulo, são apresentados os resultados que visam responder à questão de investigação definida e, por último, no quarto capítulo é apresentada uma discussão dos resultados obtidos, sendo apresentadas as principais conclusões e limitações do presente estudo, bem como sugestões para futuras investigações e para a intervenção junto das famílias.

Revisão de literatura

1.1. Parentalidade

A parentalidade tem vindo a ser amplamente estudada. O desenvolvimento de qualquer criança está dependente da influência do ambiente social onde se encontra inserida e, desta forma, as figuras parentais da criança são um elemento importante no seu desenvolvimento, ao responder às suas solicitações. O constructo de parentalidade refere-se às práticas de educação ou à forma como as figuras parentais cuidam do/a seu/sua filho/a (Barroso & Machado, 2010). Estas práticas de educação são vistas como uma das tarefas mais complexas e exigentes, com muitos desafios e responsabilidades para o ser humano (Kane, 2005).

No entanto, a parentalidade não pode ser vista apenas como o simples processo de influência dos pais sobre os seus filhos, mas sim como um processo de co-construção, isto é, como um conjunto de processos interativos no qual os pais e a criança reagem de acordo com as características disposicionais e comportamentais de cada um, enquadrado num determinado ambiente que também tem influência nestes (Simões, 2011). A parentalidade pode, assim, ser definida como “um conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais junto dos filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade” (Cruz, 2005, p. 13).

1.1.1. Estilos parentais

De acordo com Darling e Steinberg (1993), estilo parental é um conceito que vai além dos comportamentos e atitudes parentais e engloba três componentes: a relação emocional entre as figuras parentais e a criança, as práticas e comportamentos parentais e os seus sistemas de crenças. Desta forma, através dos estilos parentais, são transmitidos sentimentos gerais dos pais ou cuidadores sobre a criança através da linguagem corporal, do tom de voz, das demonstrações emocionais e da qualidade da atenção. No entanto, não existe um estilo parental ideal para todas as culturas e as implicações de um estilo parental podem variar tendo em conta as condições culturais e socioeconómicas da família (Bornstein & Zlotnik, 2008) e ainda em função dos valores e objetivos que os pais ou cuidadores têm em relação aos/seus/suas filhos/as (Darling & Steinberg, 1993). De acordo com os autores anteriores, para perceber-se de que forma os

estilos parentais influenciam o desenvolvimento da criança deve ter-se em conta três aspetos: os objetivos relacionados com a socialização, as práticas parentais usadas para ajudar as crianças a atingir esses objetivos e o clima emocional no qual a socialização ocorre. Os estilos representam o “conjunto de atitudes que são comunicadas à criança /jovem e que, todas juntas, criam um clima emocional, no qual os pais ou cuidadores atuam de determinada forma” (Darling & Steinberg, 1993, p.488) e as práticas parentais dizem respeito aos “comportamentos, com objetivo específico, através dos quais os pais ou cuidadores expressam os seus deveres parentais” (Darling & Steinberg, 1993, p.488).

As investigações de Baumrind (1966, 1971) constituem uma referência fundamental na tipificação dos estilos parentais. A autora identificou três tipos de estilos parentais, o estilo permissivo, o estilo autoritário e o estilo autoritativo (Baumrind, 1971, 1991), e descreveu os padrões de comportamento típicos das crianças educadas de acordo com cada um destes estilos (Baumrind, 1971, 1991). Cada estilo educativo parental tem um conjunto único de comportamentos e características associadas (Bornstein & Zlotnik, 2008), definindo um tipo de relação entre as figuras parentais e as crianças.

1.1.1.1. Estilo autoritário

As figuras parentais que adotam um estilo autoritário tentam fazer com que as crianças se conformem a um determinado padrão de comportamento e punem-nas caso não sigam esse padrão. São também mais desligadas e menos calorosas do que as figuras parentais que seguem outro estilo parental. Neste estilo, é evidenciado um elevado nível de controlo e de exigência de maturidade, mas pouco afeto e clareza na forma de comunicar. Este estilo parental é ainda caracterizado pela restrição da autonomia e da manifestação da individualidade da criança, sendo a punição aceite como forma para restringir a vontade da criança. Desta forma, a obediência é vista como uma virtude e as trocas verbais não são estimuladas, existindo uma baixa responsividade e expressão de afeto (Hart, Newell & Olsen, 2003). Os/as seus/suas filhos/as tendem a ser mais descontentes, inibidos e desconfiados (Papalia, Olds, & Feldman, 2001). Tendem ainda a apresentar mais comportamentos de externalização (Brar, 2003; Hart, Newell, & Olsen, 1998; Nix et al., 1999).

1.1.1.2. Estilo permissivo

Segundo Baumrind (1991), os pais permissivos valorizam a autoexpressão e a autorregulação. Fazem poucas exigências e permitem às crianças monitorizarem as suas próprias atividades tanto quanto possível. Quando têm de estabelecer regras, explicam as razões para tal. Consultam as crianças acerca das decisões a tomar e raramente as punem. São calorosos, não controladores e não exigentes (Papalia et al., 2001). Os/as filhos/as das figuras parentais permissivas têm, em geral, boas capacidades sociais, embora tenham um pior desempenho escolar e apresentem um maior índice de comportamentos agressivos (Darling & Steinberg, 1993).

1.1.1.3. Estilo autoritativo

Este padrão parental caracteriza-se por um nível elevado de controlo, de exigência e de encorajamento positivo da autonomia da criança, bem como um elevado nível de comunicação (Cruz, 2005). Além disso, têm em consideração as necessidades e interesses da criança, através do diálogo e afeto (Freitas, 2012). Estes pais tentam orientar as atividades das crianças de uma forma racional; encorajam a troca de ideias e partilham a razão de ser das diretivas e, quando a criança se recusa em obedecer, solicitam que esta lhes explique a razão do seu não conformismo, valorizam atributos expressivos e instrumentais e valorizam, ao mesmo tempo, a vontade própria e a conformidade à disciplina; exercem um controlo firme e consistente quando surgem divergências entre pais e filhos/as, mas sem serem restritivos; confrontam as crianças para obterem a sua conformidade, expressam claramente os seus valores e esperam que os/as seus/suas filhos/as respeitem as normas; fazem prevalecer a sua perspetiva enquanto adultos, mas reconhecem os interesses individuais e as características específicas das crianças; reforçam e valorizam as qualidades atuais dos/das seus/suas filhos/as, mas também estabelecem padrões para comportamentos futuros; recorrem à razão mas também ao seu poder e à manipulação dos reforços e punições para conseguirem os seus objetivos; são responsivos afetivamente na medida em que são afetuosos, apoiantes e empenhados, e, responsivos cognitivamente no sentido em que proporcionam um ambiente estimulante e desafiante (Pereira, 2007).

O pai ou cuidador autoritativo reforça as qualidades da criança e estabelece padrões aceitáveis para o seu comportamento futuro (Baumrind, 1966). Para Baumrind, este estilo seria o mais adequado, na medida em que os pais ou cuidadores que seguem este estilo pretendem

guiar as atividades das crianças de um modo “racional e orientado” (p.891), despertar atitudes de diálogo e promover a sua autonomia e a sua individualidade.

Vários estudos têm vindo a examinar as influências dos estilos parentais ao nível do desenvolvimento e ajustamento das crianças e adolescentes. Na literatura, encontra-se consenso na identificação do estilo autoritativo como o que mais se associa ao sentido de responsabilidade social das crianças (Conboy, 2008). Estas crianças tendem a apresentar um maior nível de confiança, autoestima, competência social e autocontrolo (Hidalgo & Palacios, 2004).

De acordo com Chen, Dong e Zhou (1997), dentro dos estilos parentais, o estilo autoritativo é o mais benéfico para um bom desenvolvimento da criança.

1.1.2. Variáveis sociodemográficas e estilos parentais

1.1.2.1. Nível socioeconómico dos pais e estilos parentais

Segundo Hoff, Laursen e Tardif (2002), o nível socioeconómico encontra-se associado a diferenças marcadas e consistentes nas práticas educativas, bem como nas atitudes, valores e ideias. As figuras parentais pertencentes a um nível socioeconómico médio/alto são mais orientadas para o afeto e mais responsivas aos estados internos da criança. Por outro lado, as figuras parentais com um nível socioeconómico mais baixo utilizam mais as técnicas de afirmação do próprio poder e preocupam-se com os comportamentos que as crianças manifestam (Cruz, 2005; Pinderhughes, Dodge, Bates, Pettit & Zelli, 2000). As figuras parentais com um nível socioeconómico mais elevado são predominantemente autoritativas e/ou permissivas enquanto que os pais ou cuidadores de classe social baixa são predominantemente autoritários (Chen, Dong & Zhou, 1997). As figuras parentais com um nível socioeconómico mais elevado usam mais estratégias de negociação, enquanto que as figuras parentais com um nível socioeconómico mais baixo enfatizam a obediência e a autoridade externa (Cruz, 2005).

1.1.2.2. Sexo das crianças e estilos parentais

Em relação ao sexo das crianças verifica-se que as figuras parentais tendem a adotar estilos distintos. As figuras parentais têm tendência a demonstrar um maior nível de apoio, uma maior responsividade e uma melhor comunicação com as raparigas (Grigorenko & Sternberg, 2000;

Lloyd & Devine, 2006). Outro estudo verificou que havia uma diferença significativa no estilo parental do pai adotado entre raparigas e rapazes, no entanto nesse mesmo estudo não se verificou qualquer diferença significativa no estilo parental da mãe adotado para as raparigas e para os rapazes (Vyas & Bano, 2016).

1.2. Aceitação social

As experiências com os pares constituem um importante contexto de desenvolvimento para as crianças, permitindo a aquisição de uma ampla gama de comportamentos, capacidades e atitudes que influenciam a adaptação durante a vida (Lin, Justice, Paul & Mashburn, 2016; Rubin, Bukowski, & Parker, 2006). De facto, a interação positiva com os pares promove o desenvolvimento cognitivo, social e emocional (Kingery, Erdley, & Marshall, 2011). Durante a idade pré-escolar, as crianças assumem um papel ativo na seleção dos seus pares, expressando preferência por determinados pares relativamente a outros (Coplan & Arbeau, 2009). Cada criança apresenta uma determinada orientação social e uma disposição própria. Assim, as experiências sociais de cada criança com os seus pares são únicas, porque o modo como a criança se adapta e o sucesso que poderá ter dependerão de um conjunto de fatores específicos. Este conjunto de fatores, como as diferenças individuais que é o caso do temperamento, as competências sociais, a perceção social, a cognição e a capacidade de resolução de problemas irá refletir-se nas interações sociais em que participa, na capacidade para formar e manter amizades e na aceitação pelo grupo de pares (Rubin et al., 2006). De acordo com estes autores a aceitação social refere-se a como uma criança é apreciada pelos pares, enquanto que a rejeição social se refere a como uma criança é depreciada. No entanto, segundo estes autores, uma criança altamente aceite não é necessariamente uma criança com um baixo índice de rejeição, assim como uma criança altamente rejeitada não apresenta sempre um baixo nível de aceitação.

As crianças com melhores níveis de aceitação pelos pares tendem a apresentar um melhor ajustamento escolar e mais amizades (Mostow, Izard, Fine & Trentacosta, 2002). De facto, estabelecer relações positivas com os pares e construir amizades são tarefas de desenvolvimento fulcrais da infância (Shonkoff & Philips, 2000). De acordo com Ladd (2005), as relações com os pares têm um papel específico para o desenvolvimento da criança: contribuem para a socialização e para o desenvolvimento da competência social; influenciam os comportamentos sociais, a linguagem, a personalidade e as atitudes; influenciam a autopercepção da criança, o desenvolvimento do seu autoconceito e da sua autoestima e promovem e regulam as emoções

da criança. Ao longo do seu crescimento e durante toda a sua vida é natural e necessário que as crianças participem e se sintam parte integrante de vários grupos sociais. É necessário ter-se em conta que as relações sociais das crianças se estendem para lá dos muros da escola, nos diferentes grupos sociais em que participam (e.g., vizinhos, grupos e atividades extracurriculares) (Hymel et al., 2002).

1.2.1. Aceitação social e estilos parentais

As interações no seio da família criam oportunidades para a aprendizagem de competências sociais e de comportamentos que serão depois reproduzidos na interação com os pares (Almeida, 2000). Os resultados de vários estudos indicaram que as crianças cujas figuras parentais adotam o estilo autoritativo têm relações mais positivas com os seus pares do que as crianças cujos pais ou cuidadores apresentam um estilo permissivo (Altay & Gure, 2012; Aunola & Nurmi, 2005; Gomes, 2011), assim como tendem a ser mais populares (Wennar, 1994). Paralelamente, a investigação sugere que quanto mais as figuras parentais são autoritárias, menos competentes são as crianças socialmente (Freitas, 2012).

1.2.2. Aceitação social e problemas de comportamento

No que concerne a relação entre a aceitação social e os problemas de comportamento, Boivin (2005) menciona que as crianças que apresentam mais dificuldades na relação com os pares tendem a ser mais agressivas e hiperativas e a apresentarem comportamentos de oposição. Boivin aponta também, que estas crianças apresentam uma maior tendência para o isolamento. Também Rubin e colaboradores (2006) refere que as crianças em idade pré-escolar que se comportam de modo socialmente apropriado desenvolvem relacionamentos positivos com os seus pares, enquanto que as crianças que se comportam de forma menos apropriada podem ser rejeitadas pelos seus pares. Por seu turno, Johnson, Ironsmith e Poteat (2000) acrescentam que quando as crianças em idade pré-escolar são rejeitadas pelo seu grupo de pares, essas primeiras impressões por parte do grupo têm um efeito duradouro, apesar das mudanças por parte das crianças rejeitadas.

Também Wood, Cowan e Baker (2002) encontraram uma forte relação entre comportamentos de externalização e a rejeição de colegas entre meninos e meninas em idade pré-escolar.

1.3. Problemas de comportamento em idade escolar

A idade pré-escolar é uma fase de acelerado crescimento, marcado por mudanças comportamentais e pelo desenvolvimento de autonomia, pelo que muitas crianças desta faixa etária apresentam comportamentos considerados disruptivos (Campbell, 1997). Os problemas de comportamento das crianças podem ser agrupados em duas grandes dimensões: os problemas de comportamento externalizantes e os problemas de comportamento internalizantes (Achenbach 1991, 2007). Os problemas de comportamento externalizantes são aqueles em que a criança apresenta dificuldades na capacidade de autorregulação, originando um descontrolo comportamental, acompanhado de uma carga emocional negativa dirigida para os outros sob a forma de raiva, agressividade ou, ainda, frustração. Nestes problemas, encontram-se incluídos a agressividade, a hiperatividade, o déficit de atenção (Achenbach, 1991, 2007) e os problemas de oposição (Zahn-Waxler, Klimes-Dougan, & Slattery, 2000).

Por sua vez, os problemas de comportamento internalizantes caracterizam-se essencialmente por comportamentos de inibição, ansiedade e tristeza, em que a carga emocional negativa é frequentemente voltada contra o próprio, verificando-se com frequência um controlo excessivo do comportamento (Aunola & Nurmi, 2005). Nestes problemas, incluem-se os sintomas de depressão, os problemas psicossomáticos, o isolamento e a ansiedade. Os problemas de internalização mais frequentes são a ansiedade social, a timidez e a inibição do comportamento (Mash & Barkley, 1996). Achenbach (1991) observou que, embora muitas crianças apresentassem preferencialmente um ou outro tipo de problemas de comportamento, algumas apresentavam simultaneamente problemas de comportamento externalizantes e problemas de comportamento internalizantes.

1.3.1. Estilos parentais e problemas de comportamento

Existem atitudes parentais positivas que contribuem para a redução dos sintomas internalizantes e existem outras atitudes parentais negativas que aumentam a probabilidade de sintomas internalizantes nas crianças (Rose, Roman, Mwaba, & Ismail, 2017). No que concerne o estilo parental autoritativo e os problemas de comportamento, de acordo com várias investigações, o estilo parental autoritativo tem sido associado a menores problemas de comportamento (Anthony & Vadakedom, 2017; Querido, Warner, & Eyberg, 2002), sendo que existe uma relação negativa entre estilo parental autoritativo e problemas de comportamento

internalizantes e externalizantes (Akhter, Hanif, Tariq, & Atta, 2011; Freitas, 2012; Rose et al., 2017; Shahla et al., 2011). Por seu turno, o estilo parental autoritário aumenta a probabilidade das crianças se tornarem rebeldes e adotarem um comportamento problemático devido ao poder exercido pelos pais sobre os filhos (Sarwar, 2016). Deste modo, este estilo parental está associado a mais problemas internalizantes (Anthony & Vadakedom, 2017; Pinquart, 2017) e externalizantes (Akhter, Hanif, Tariq, & Atta, 2011; Braza, 2013; Tavassolie et al., 2016). O estilo autoritário encontra-se associado a comportamentos agressivos com os pares, hiperatividade/distração, ansiedade e medo (Marcone, Affuso & Borrone, 2017). Por último, o estilo parental permissivo, tal como o estilo parental autoritário encontra-se associado a mais problemas externalizantes (Anthony & Vadakedom, 2017; Pinquart, 2017). De facto, a permissividade dos pais ou cuidadores tem sido associada a problemas de comportamento internalizantes e externalizantes (Akhter, Hanif, Tariq & Atta, 2011; Tavassolie et al., 2016).

1.3.2. Estilos parentais, problemas de comportamento e aceitação social

No que concerne a relação entre os três constructos, estilos parentais, problemas de comportamento e aceitação social, a investigação sobre a relação entre estes três conceitos é muito escassa. Num estudo realizado com crianças com uma idade média de 8 anos verificou-se que o estilo parental autoritário se encontrava positivamente associado com a agressão e negativamente com a aceitação pelos pares (Chen, Dong & Zhou, 2010). Também Richaud, Moreno e Sacchi (2011) chegaram à mesma conclusão que os autores anteriores, no entanto o estudo deles foi realizado com adolescentes.

Pelo contrário, o estilo autoritativo dos pais ou cuidadores tem sido associado positivamente com os índices de ajustamento social e escolar e negativamente com os problemas de comportamento (Chen et al., 2010). Por último, um estudo realizado com adolescentes verificou que o estilo permissivo adotado pelas figuras parentais é tido como um importante preditor positivo do comportamento agressivo e um preditor negativo de apego aos pares (Llorca, Richaud, & Malonda, 2017).

Não foi encontrado nenhum estudo que tivesse investigado uma relação de mediação entre estes três constructos em idade pré-escolar.

1.4. Objetivos e hipóteses

O presente estudo tem como principal objetivo testar o efeito mediador dos problemas de comportamento (internalizantes e externalizantes) na relação entre estilos parentais e aceitação social. Pretende-se ainda analisar as diferenças dos estilos parentais, da aceitação social e dos problemas de comportamento em função do sexo da criança.

Posto isto, as hipóteses formuladas neste estudo são as seguintes:

H1: O sexo feminino apresenta maiores níveis de aceitação social e menores níveis de problemas de comportamentos em relação ao sexo masculino.

H2: Tanto o estilo parental autoritário, como o estilo parental permissivo encontram-se associados a menores níveis de aceitação social.

H3: As crianças filhas de pais que usam mais frequentemente atitudes parentais associadas a um estilo autoritativo apresentam maiores níveis de aceitação social.

H4: As crianças que apresentam mais problemas de comportamento internalizantes e externalizantes apresentam menores níveis de aceitação social.

H5: A relação entre os estilos parentais e a aceitação social é mediada pelos problemas de comportamento internalizantes e externalizantes.

CAPÍTULO 2

Método

Usou-se uma metodologia quantitativa de modo a obter-se a informação de vários informadores (as mães, as educadoras de infância e a própria criança). Este estudo é de tipo correlacional e longitudinal.

2.1. Participantes

2.1.1. Educadores e grupos/instituições

Relativamente aos educadores de infância participaram 58 educadoras. Quanto à formação académica, 5 destas (8.6%) tinham um bacharelato, 40 (69%) tinham uma licenciatura, 6 (10.3%) tinham uma pós-graduação e 7 (12.1%) tinham um mestrado. Os anos de serviço destas variavam entre os 2 e os 39 anos de serviço ($M=43.07$, $DP=8.58$). Quanto ao número total de crianças no grupo do educador variavam entre as 8 e as 27 crianças ($M=20.79$, $DP=4.21$). Quanto ao tipo de grupo da sala do educador, 44 (75.9%) grupos eram mistos em termos etários, 8 (13.8%) grupos tinham crianças de 4 anos e 6 (10.3%) tinham crianças de 5 anos. Relativamente ao tipo de instituição, 28 (48.3%) educadoras trabalhavam numa instituição pública, 16 (27.6%) trabalhavam numa instituição privada sem fins lucrativos e 13 (22.4%) trabalhavam numa instituição com fins lucrativos.

2.1.2. Crianças

Neste estudo, participaram 337 crianças provenientes de jardins de infância da área metropolitana de Lisboa. Destas 337 crianças, 174 (51.6%) eram do sexo feminino e 163 (48.4%) eram do sexo masculino. Quanto à idade cronológica destas crianças, variou entre os 41.66 meses e aos 75.63 meses ($M = 60.16$, $DP = 7.86$).

2.1.3. Famílias

Participaram 337 mães, com idades compreendidas entre os 21 e os 52 anos ($M= 36.90$, $DP= 4.99$). No que respeita as habilitações literárias, estes valores variaram entre os 2 e os 24 anos de escolaridade ($M=14.22$, $DP=3.85$). Quanto ao estado civil, 31 (9.2%) são solteiras, 207 (61.4%) são casadas, 70 (20.8%) vivem em união de fato, 19 (5.6%) são divorciadas e 1 (0.3%) é viúva. Neste estudo 45 (13.4%) das crianças que participaram viviam com uma família monoparental, 283 (84%) viviam com o pai e com a mãe e 1 criança (0.3%) não vivia com a mãe, nem com o pai.

Relativamente à situação profissional das mães, 260 (77.2%) estavam empregadas, 11 (3.3%) eram domésticas, 34 (10.1%) estavam desempregadas, 2 (0.6%) eram estudantes, 2 (0.6%) estavam noutra situação profissional que não foi referida no questionário e 5 (1.5%) estavam como trabalhadoras não qualificadas. Quanto à situação económica das famílias das crianças, 2 (0.6%) tinham subsídios da segurança social, 9 (2.7%) recebiam menos do que o salário mínimo nacional, 2 (0.6%) recebiam subsídios da segurança social, juntamente com um salário menor que o mínimo nacional e 298 (88.4%) encontravam-se noutro tipo de condições económicas.

2.2. Instrumentos

Para a recolha dos dados foram usados vários questionários: o Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (QDEP), o Questionário sobre o Comportamento da Criança (CBQ), o Sistema de Avaliação das Competências Sociais (SACS), as Medidas Sociométricas e um Questionário Sociodemográfico.

2.2.1. Estilos parentais

Para a avaliação dos estilos parentais foi usado o Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (QDEP) traduzido e validado para a população portuguesa por Pedro, Carapito e Ribeiro (2015). O questionário original, *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire-PSDQ*, foi desenvolvido por Robinson, Mandleco, Olsen e Hart (2001). Este questionário é preenchido pelas figuras parentais e é constituído por 32 itens que permitem avaliar os três estilos parentais

da tipologia de Baumrind (1971): autoritário, autoritativo e permissivo, bem como as atitudes parentais que os constituem. Neste estudo, consideraram-se os itens da versão original. A escala do estilo autoritativo é constituída por 15 itens e compreende as subescalas ligação, regulação e autonomia, cada uma com 5 itens (p. ex., “Sou sensível às necessidades e sentimentos do meu filho”; ligação). A escala do estilo autoritário é constituída por 12 itens e inclui as subescalas de coerção física, hostilidade verbal e punição, cada uma com 4 itens (p. ex., “Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar”; coerção física) e a escala do estilo permissivo é composta por 5 itens e não inclui subescalas (p. ex., “Cedo quando o meu filho faz birra”). Os cinco itens são somados de forma a obter um resultado total para cada estilo. Os resultados elevados em cada uma das escalas traduzem um uso mais frequente de atitudes parentais associadas a um estilo autoritativo, autoritário ou permissivo. Os itens nas escalas são cotados numa escala de 5 pontos, com 5 opções de resposta, que vão desde 0 “Nunca” a 5 “Sempre” (Pedro et al., 2015). Foi calculada a consistência interna dos dados obtidos no presente estudo para as escalas- autoritativo, autoritário e permissivo. O valor do coeficiente Alpha de Cronbach para o estilo autoritativo foi de .81, para o estilo autoritário de .75 e para o estilo permissivo foi de .58.

2.2.2. Temperamento

Para a avaliação do temperamento utilizou-se o *Children Behavior Questionnaire*, versão reduzida, (CBQ; Rothbart, Ahadi, Hershey, & Fisher, 2001; Putman & Rothbart, 2006; versão portuguesa de Franklin, Soares, Sampaio, Santos, & Veríssimo, 2003), mas foram usados os itens da versão do instrumento original. O instrumento original, *Child Behavior Questionnaire-CBQ*, foi desenvolvido por Putnam e Rothbart (2006), com base no modelo de Rothbart (1981), (modelo de reatividade e autorregulação do temperamento). Este instrumento é constituído por 94 itens que correspondem a 15 escalas. Os pais devem avaliar cada item, numa escala de 1 a 7 pontos, (1= “Extremamente falso” e 7= “Extremamente verdadeiro”), existindo também uma opção “não se aplica” nas situações em que os pais não consideram ser observável na criança a situação que foi descrita” (Putnam & Rothbart, 2006). Estes itens permitem avaliar as seguintes dimensões e subdimensões: extroversão (constituída pelas subdimensões: nível de atividade, prazer de alta intensidade, impulsividade e timidez), afetividade negativa (constituída pelas subdimensões: raiva/frustração, desconforto, medo, tristeza e capacidade para se confortar) e controlo com esforço (constituída pelas subdimensões: focalização da atenção, controlo

inibitório, prazer de baixa intensidade e sensibilidade perceptiva). As escalas aproximação/antecipação positiva e riso/sorriso são analisadas de forma independente. Este questionário destina-se aos pais das crianças entre os 3 e os 7 anos, mas neste estudo este questionário foi apenas aplicado às mães das crianças (Barros & Goes, 2014). Foi calculada a consistência interna dos dados obtidos no presente estudo para a dimensão: afetividade negativa. O valor do coeficiente Alpha de Cronbach para esta dimensão foi de .69.

2.2.3. Aceitação social

Para a avaliação da aceitação social das crianças, recorreremos às entrevistas sociométricas. Foram realizadas entrevistas sociométricas a todas as crianças com autorização dos pais, em cada uma das salas, em que se pretendia conseguir avaliações sociométricas de cada uma das crianças relativamente ao seu grupo de pares.

Através desta avaliação sociométrica eram mostradas três caixas às crianças: uma caixa com um símbolo com um sorriso no rosto (“Gosto muito de brincar” -3 pontos) outro símbolo com um rosto neutro (“Gosto de brincar às vezes” - 2 pontos) e outro símbolo com um rosto triste (“Não gosto de brincar” -1 ponto) e a criança tinha de fazer a distribuição das fotografias dos colegas pelas três caixas. A partir da seleção realizada pela criança, era possível registar as avaliações por ela feitas na matriz sociométrica, com uma escala que variava entre 1 e 3 pontos. Quando todas as crianças concluíam esta avaliação era realizada a soma dos totais obtidos na matriz sociométrica (Ferreira et al., 2019).

2.2.4. Comportamentos externalizantes e internalizantes

De modo a avaliar-se os comportamentos externalizantes e internalizantes usou-se o Sistema de Avaliação das Competências Sociais (SACS).

Este instrumento é uma tradução portuguesa do Social Skills Rating System (Gresham & Elliott, 1990, 2007). Este instrumento inclui uma escala de competências sociais composta por trinta itens e uma escala de problemas de comportamento. Gresham e Elliott (1990) identificaram duas subescalas de problemas de comportamento: comportamentos externalizantes (isto é, comportamentos inapropriados que envolvem agressão verbal ou física e um baixo controlo do temperamento) (6 itens) e os comportamentos internalizantes (isto é, comportamentos que revelam ansiedade, tristeza, solidão e baixa autoestima) (4 itens). Estes

ítems são avaliados numa escala ordinal de três níveis (0 = nunca; 1 = algumas vezes e 2 = muitas vezes). Foi calculada a consistência interna dos dados obtidos no presente estudo para as duas subescalas: comportamentos externalizantes e comportamentos internalizantes. O valor do coeficiente Alpha de Cronbach para a subescala- comportamentos externalizantes foi de .86 e para a subescala comportamentos internalizantes foi de .62.

2.2.5. Competência verbal

De modo a avaliar-se a competência verbal da criança, usou-se a adaptação portuguesa da versão espanhola Test de vocabulário en imágenes Peabody-PPVT (Dunn, 1986). Durante esta prova são apresentados cartões com quatro imagens cada e é pedido à criança para apontar para a imagem que corresponde à palavra que foi dita pelo avaliador.

2.2.6. Questionário sociodemográfico

Foi também utilizado um questionário sociodemográfico para as mães e outro para as educadoras de infância com o intuito de recolherem-se informações acerca destas como (e.g., idade das mães, escolaridade das mães, idade da educadora, anos de experiência como educadora e acerca do estabelecimento onde ensina).

2.3. Procedimento

2.3.1. Recolha de dados

Este estudo insere-se no âmbito de um projeto denominado "Direitos, emoções e interações em contexto pré-escolar" financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) elaborado originalmente pelas doutorandas Margarida Fialho e Nadine Correia utilizando dados desse projeto. Este estudo foi autorizado pela Comissão de Ética do ISCTE-IUL (Parecer 12/2015), pela Comissão Nacional de Proteção de Dados (Autorização n.º 5182/2016) e pela Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (Inquérito n.º 0504000001).

Depois de concedida a autorização pela Comissão de Ética do ISCTE (Parecer n.º 12/2015), pela Comissão Nacional de Proteção de Dados (Autorização n.º 5182/2016) e pela Direção-

Geral da Educação, através do sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (Inquérito n.º 0504000001), iniciou-se o processo de recrutamento e seleção aleatória das instituições da Grande Lisboa. Desta forma, neste processo, os(as) educadores(as) que demonstraram interesse em participar no estudo foram contactados para a marcação de uma reunião, onde eram explicados os objetivos do projeto de estudo. Estas reuniões permitiam o esclarecimento de dúvidas que os educadores (as) pudessem ter relativamente ao projeto e também quanto ao seu procedimento. Entregaram-se cartas de Consentimento Informado dirigidas aos(às) educadores(as) que descreviam detalhadamente os procedimentos do projeto, assim como as Cartas de Consentimento Informado dirigidas aos Encarregados de Educação das crianças. Para que se pudesse dar início à recolha de dados, cada sala tinha de cumprir com os critérios seguintes: autorização por parte do Diretor(a) do(a) Agrupamento/Instituição; autorização por parte do(a) Educador(a) responsável pela sala; autorização por parte dos Encarregados de Educação, sendo que foi estabelecido um limite mínimo de autorizações para cada sala (60%) para que a equipa avançasse para a fase de recolhas. Foram escolhidas salas em que as crianças tivessem idade igual ou superior a 4 anos de idade, pois os instrumentos usados são preferencialmente utilizados com crianças a partir desta idade. Depois dos requisitos cumpridos, era possível dar início ao processo de recolha de dados. Na maioria das vezes, as entrevistas com as crianças eram feitas numa sala à parte e de forma individual com cada uma delas, com uma duração média de 15 a 20 minutos. As fotografias usadas nas entrevistas, tinham sido tiradas anteriormente, caso existisse permissão por parte dos Encarregados de Educação. Em cada sala, foram escolhidas aleatoriamente 6 crianças (3 meninos e 3 meninas) de forma a obter informação mais detalhada. Posto isto, depois desta seleção foram aplicados os instrumentos de recolha de dados, durante três momentos diferentes previamente definidos pelo grupo de investigadores. Depois desta seleção, foram aplicados os instrumentos de recolha de dados, durante três momentos diferentes definidos anteriormente pelo grupo de investigadores. Desta forma, o Questionário de Estilos e Dimensões Parentais foi aplicado a cada mãe numa sala no momento 2 do estudo (Janeiro-Abril), o Questionário sobre o Comportamento da Criança foi aplicado às mães no momento 1 (Outubro-Janeiro), o Sistema de Avaliação das Competências Sociais (SACS) foi aplicado às educadoras responsáveis por cada sala no momento 3 (Maio-Julho), as Medidas Sociométricas foram aplicadas no momento 2 (Janeiro-Abril) de forma individual a cada criança e o Questionário Sociodemográfico foi aplicado no momento 1 (Outubro-Janeiro) tanto às mães, como às educadoras.

Em todos os momentos de recolha de dados, antes do preenchimento dos questionários, tanto as educadoras como as mães das crianças foram informadas que o preenchimento daqueles questionários era de carácter voluntário e que todos os dados recolhidos eram confidenciais.

2.3.2. Análise dos dados

Os dados recolhidos foram analisados através do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 23 para Windows. As associações entre as variáveis foram exploradas por intermédio do teste de Pearson.

O efeito mediador dos problemas de comportamento na relação entre estilos parentais e aceitação social foi testado através da macro Process de Hayes (2012) para a versão 23 do SPSS.

Resultados

3.1. Análise descritiva das variáveis em estudo

O quadro 1 apresenta as medidas estatísticas descritivas e a diferença de médias obtidas através do teste *t* para amostras independentes. Foram realizados testes *t* de amostras independentes de modo a compararem-se as médias das variáveis em estudo para o sexo feminino e o sexo masculino.

Tendo em conta os valores obtidos em cada um dos estilos parentais, o estilo parental autoritativo foi aquele que apresentou valores médios mais elevados tanto para as crianças do sexo masculino ($M = 4.23$) como para as crianças do sexo feminino ($M = 4.27$) e o estilo parental autoritário foi o que apresentou valores médios inferiores.

Através da realização do teste *t* verificou-se que não existiam diferenças significativas, em função do sexo das crianças, no estilo autoritário, $t(298) = -.92, p = .23$, no estilo autoritativo, $t(298) = .62, p = .83$ e no estilo permissivo, $t(298) = -.75, p = .15$.

Também no que diz respeito à aceitação social, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas, em função do sexo, $t(300) = 1,80, p = .84$. Relativamente aos problemas de comportamento, tanto os problemas internalizantes ($M = .29$) como os comportamentos externalizantes eram pouco frequentes, embora os problemas internalizantes sejam menos frequentes que os externalizantes. As crianças do sexo masculino ($M = .65$) apresentavam valores médios superiores quanto aos problemas de comportamentos externalizantes relativamente às crianças do sexo feminino ($M = .47$), $t(293,68) = -2,76, p = .02$.

No que diz respeito aos problemas de comportamento internalizantes, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas em função do sexo, $t(300) = -1,29, p = .16$.

No que concerne a variável afetividade negativa, os valores apresentados por ambos os sexos não apresentam uma diferença estatisticamente significativa, $t(298) = 2,10, p = .53$.

Ao nível da competência verbal, os resultados apontam para uma grande variabilidade na amostra, sem que se verifiquem diferenças estatisticamente significativas em função do sexo, $t(300) = .69, p = .31$.

Desta forma, pode constatar-se que os resultados obtidos pelas crianças do sexo feminino e pelas crianças do sexo masculino se diferenciam de modo significativo apenas nas

variáveis dos problemas de comportamento externalizantes e as crianças do sexo masculino com mais problemas externalizantes.

Quadro 1: Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos e teste *t* das variáveis em estudo em função do sexo das crianças

Variáveis	Amostra total (<i>N</i> = 302)				Masculino (<i>n</i> = 148)				Feminino (<i>n</i> = 154)				<i>t</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	
Estilo autoritário	1,91	.43	1	3,83	1,93	.47	1	3,83	1,89	.39	1	3	-.92
Estilo autoritativo	4,25	.42	2,67	5	4,23	.41	2,93	5	4,27	.42	2,67	5	.62
Estilo permissivo	2,20	.59	1	3,80	2,22	.56	1	3,80	2,17	.61	1	3,80	-.75
Aceitação social	.13	.90	-2,40	2,75	.03	.91	-2,27	2,13	.22	.89	-2,40	2,75	1,80
Comportamentos externalizantes	.56	.55	.00	2	.65	.58	.00	2	.47	.52	.00	2	-2,76*
Comportamentos internalizantes	.29	.43	.00	2	.32	.44	.00	2	.26	.43	.00	2	-1,29
Afetividade negativa	4,50	.52	3,11	6,11	4,43	.53	3,11	6,11	4,56	.50	3,41	5,91	2,10

p* <.05. ** *p* <.01. * *p* <.001.

3.2. Estudo das associações entre as variáveis em estudo

Recorreu-se ao coeficiente r de Pearson para verificar a existência de relação entre as variáveis em estudo. Ao observar-se o Quadro 2, verifica-se que as variáveis em estudo apresentavam na sua maioria correlações baixas a moderadas. Verificou-se uma correlação positiva alta e significativa entre a idade da criança e a competência verbal desta, o que significa que quanto mais velha é a criança, melhor será a sua competência verbal ($r=.53$, $n=302$, $p <.001$). Também se verificou uma correlação positiva baixa e significativa entre a idade da mãe e a competência verbal da criança, isto é, quanto mais velha é a mãe da criança, melhor é a competência verbal da criança ($r=.15$, $n=296$, $p<.01$). Verificou-se ainda uma correlação negativa baixa e significativa entre a escolaridade da mãe e o estilo autoritário, o que significa que à medida que a escolaridade da mãe aumenta, o estilo autoritário diminui ($r=-.24$, $n=300$, $p <.001$). Também houve uma correlação negativa baixa e significativa entre a escolaridade da mãe e o estilo permissivo, o que significa que à medida que a escolaridade é mais elevada, o estilo permissivo diminui ($r=-.19$, $n=300$, $p <.01$). Existiu ainda uma correlação positiva baixa e significativa entre o estilo permissivo e a afetividade negativa da criança, o que significa que à medida que as mães mais adotam atitudes permissivas, maior é a afetividade negativa da criança ou vice-versa ($r=.13$, $n=299$, $p<.05$). Quanto à aceitação social e a idade das crianças, verificou-se uma correlação positiva baixa e significativa entre estas duas variáveis, sugerindo que as crianças são mais aceites no seu grupo quanto mais velhas forem ($r=.14$, $n=302$, $p <.05$).

Também se verificou uma correlação positiva baixa e significativa entre a aceitação social da criança e a competência verbal desta, isto é, quanto mais aceite é uma criança, maior é a sua competência verbal e vice-versa ($r=.12$, $n=302$, $p <.05$). Quanto aos comportamentos externalizantes verificou-se uma correlação negativa baixa e significativa com a competência verbal da criança ($r=-.13$, $n=302$, $p <.05$). Verificou-se também uma correlação positiva baixa e significativa entre os comportamentos externalizantes e o estilo autoritário. Isto é quanto mais os pais adotarem atitudes do estilo autoritário mais problemas externalizantes a criança apresentará ($r=.18$, $n=300$, $p <.01$). Existiu também uma correlação negativa baixa e significativa entre os comportamentos externalizantes e a aceitação social. Isto significa que quanto mais comportamentos externalizantes menor será a aceitação social da criança ($r=-.26$, $n =302$, $p < .001$). Verificou-se também uma correlação positiva baixa significativa entre os comportamentos internalizantes e o estilo permissivo, o que sugere que quanto mais os pais adotam características do estilo permissivo mais comportamentos internalizantes a criança terá

($r=.12$, $n=300$, $p < .05$). Existiu também uma correlação negativa baixa e significativa entre os comportamentos internalizantes e a aceitação social da criança. Esta correlação significa que quanto mais comportamentos internalizantes a criança apresentar menor será a aceitação social da criança no seu grupo de pares ($r=-.12$, $n=302$, $p < .05$).

Quadro 2: Matriz de correlações entre os estilos parentais, a aceitação social, os problemas de comportamento e as variáveis de controlo

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1 Sexo da criança	-										
2 Idade da criança	.09	-									
3 Idade da mãe	.06	.09	-								
4 Escolaridade da mãe	-.09	-.12*	.30***	-							
5 Competência verbal da criança	-.04	.53***	.15**	.09	-						
6 Afetividade negativa da criança	-.12*	.11	-.01	-.09	.01	-					
7 Estilo autoritário	.05	-.03	-.07	-.24***	-.03	-.07	-				
8 Estilo autoritativo	-.04	.04	-.02	.10	.11	-.05	-.10	-			
9 Estilo permissivo	.04	-.02	-.10	-.19**	-.10	.13*	.39***	-.07	-		
10 Aceitação social da criança	-.10	.14*	-.04	.03	.12*	.05	-.06	.04	-.08	-	
11 Comportamentos externalizantes	.22***	-.10	.03	-.04	-.13*	-.06	.18**	-.10	.09	-.26***	-
12 Comportamentos internalizantes	.06	-.05	-.02	-.02	-.07	.10	.02	-.02	.12*	-.12*	.25***

*p <.05. ** p<.01. *** p<.001.

3.3. Modelos de mediação

De modo a testar-se o efeito dos problemas de comportamento na relação entre os estilos parentais e a aceitação social de crianças em idade pré-escolar foram realizadas seis análises de mediação, controlando-se também os efeitos do sexo, da idade, bem como da afetividade negativa e da competência verbal da criança.

O primeiro modelo de mediação pretendia avaliar se os problemas de comportamento externalizantes tinham um efeito mediador na relação entre o estilo permissivo e aceitação social. Este modelo de mediação explicava 9% ($R^2 = .09$) (ver Quadro 3) da variação da aceitação social, $F(6,292) = 62.58^{**}$, $p < .001$. Verifica-se que o estilo permissivo não teve efeito sobre os problemas de comportamento externalizantes ($B = .07$, $t = 1.27$, $p = .20$). O estilo permissivo também não teve um efeito direto sobre a aceitação social da criança ($B = -.04$, $t = -.42$, $p = .67$). Também não se verificou a existência de um efeito indireto ($B = -.03$, Sobel $Z = -1.17$, $p = .24$, 95% Boot IC = $-.07; .01$).

Quadro 3: Efeito do estilo permissivo na aceitação social mediado pelos problemas de comportamento externalizantes

Variáveis predictoras	Comportamentos externalizantes		Aceitação social	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			-.89	.60
Estilo permissivo			-.06	.09
<i>Efeito direto</i>				
Constante	.77*	.37	-.61	.59
Estilo permissivo	.07	.06	-.04	.09
Comportamentos externalizantes			-.36**	.09
<i>Efeito indireto</i>				
			-.03	.02
		95% Bootstrap IC	-.08	.01
		R ² = .04		R ² = .09
		F (5,293) = 2.19		F (6,292) = 62.58**

Nota. Variáveis de controlo: sexo, idade, afetividade negativa e competência verbal. *p <.05. ** p<.001.

O segundo modelo de mediação pretendia avaliar se os problemas de comportamento internalizantes tinham um efeito mediador na relação entre o estilo permissivo e a aceitação social. O modelo de mediação explicava 2% ($R^2 = .02$) (ver Quadro 4) da variação da aceitação social, sendo significativo $F(6,292) = 2,37^*$, $p = .03$. Observou-se que o estilo permissivo não teve efeito sobre os problemas de comportamento internalizantes ($B = -.00$, $t = -.08$, $p = .94$) nem sobre a aceitação social da criança ($B = -.06$, $t = -.68$, $p = .49$). Também não se apurou um efeito indireto ($B = .00$, Sobel $Z = .07$, $p = .95$, 95% Boot IC = -.02; .02).

Quadro 4: Efeito do estilo permissivo na aceitação social mediado pelos problemas de comportamento internalizantes

Variáveis predictoras	Comportamentos internalizantes		Aceitação social	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			-.89	.60
Estilo permissivo			-.06	.09
<i>Efeito direto</i>				
Constante	.59*	.29	-.78	.60
Estilo permissivo	-.00	.04	-.06	.09
Comportamentos internalizantes			-.18	.12
<i>Efeito indireto</i>				
			.00	.01
		95% Bootstrap IC	-.02	.02
		R ² = .02		R ² = .05
		F (5,293) = 1.27		F (6,292) = 2.37*

Nota. Variáveis de controle: sexo, idade, afetividade negativa e competência verbal. *p <.05. ** p<.001.

O terceiro modelo de mediação pretendia testar se os problemas de comportamento externalizantes tinham um efeito mediador na relação entre estilo autoritário e a aceitação social. O modelo de mediação explicava 6% ($R^2 = .06$) (ver Quadro 5) da variação da aceitação social, sendo este modelo significativo $F(6,292) = 4,65^{***}$, $p <.01$. Verificou-se que o estilo autoritário tem um efeito positivo nos problemas de comportamento externalizantes, o que significa que quanto mais os pais adotam atitudes do estilo autoritário mais problemas de comportamento externalizantes a criança irá apresentar ($B = .22$, $t=3,02$; $p = .00$). Contudo, o estilo autoritário não teve um efeito direto na aceitação social da criança ($B=-.01$, $t = -.08$, p

=.94). Contudo, o efeito indireto era estatisticamente significativo ($B = -.08$; Sobel $Z = -2,34$; $p = .02$; 95% Boot IC = $-.16$; $-.02$).

Quadro 5: Efeito do estilo autoritário na aceitação social mediado pelos problemas de comportamento externalizantes

Variáveis predictoras	Comportamentos externalizantes		Aceitação social	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			-.85	.61
Estilo autoritário			-.09	.12
<i>Efeito direto</i>				
Constante	.54	.38	-.66	.60
Estilo autoritário	.22*	.07	-.01	.12
Comportamentos externalizantes			-.36**	.09
<i>Efeito indireto</i>				
			-.08	.04
		95% Bootstrap IC	-.16	-.02
		$R^2 = .06$		$R^2 = .04$
		$F(5,293) = 3,74^*$		$F(6,292) = 4,65^{**}$

Nota. Variáveis de controle: sexo, idade, afetividade negativa e competência verbal. * $p < .05$. ** $p < .001$.

O quarto modelo de mediação pretendia avaliar se os problemas de comportamento internalizantes tinham um efeito mediador na relação entre estilo autoritário e a aceitação social. O modelo de mediação explicava 2% ($R^2 = .02$) (ver quadro 6) da variação da aceitação social, sendo significativo $F(6,292) = 2,37^*$, $p = .03$. Foi possível verificar-se que o estilo autoritário

não teve um efeito direto sobre os problemas de comportamento internalizantes ($B = .02$, $t = .41$, $p = .68$) nem teve um efeito direto sobre a aceitação social da criança ($B = -.09$, $t = -.72$, $p = .47$). Paralelamente, também não existiu efeito indireto ($B = -.00$; Sobel $Z = -.33$, $p = .74$; 95% Boot IC = $-.04$; $.01$).

Quadro 6: Efeito do estilo autoritário na aceitação social mediado pelos problemas de comportamento internalizantes

Variáveis predictoras	Comportamentos internalizantes		Aceitação social	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			-.85	.61
Estilo autoritário			-.09	.12
<i>Efeito direto</i>				
Constante	.55	.30	-.75	.61
Estilo autoritário	.02	.06	-.08	.12
Comportamentos internalizantes			-.18	.12
<i>Efeito indireto</i>				
			-.00	.01
		95% Bootstrap IC	-.04	.01
	R ² = .02		R ² = .05	
	$F(5,293) = 1,31$		$F(6,292) = 2,37^*$	

Nota. Variáveis de controlo: sexo, idade, afetividade negativa e competência verbal. * $p < .05$. ** $p < .001$.

O quinto modelo de mediação pretendia avaliar se os problemas de comportamento externalizantes tinham um efeito mediador na relação entre estilo autoritativo e a aceitação

social. O modelo de mediação explicava 4% ($R^2 = .04$) (ver Quadro 7) da variação da aceitação social, sendo estatisticamente significativo $F(6, 292) = 4,69^{***}$, $p < .001$. Foi possível verificar-se que o estilo autoritativo não teve efeito direto sobre os problemas de comportamento externalizantes ($B = -.13$, $t = -.1,71$, $p = .09$) nem teve um efeito direto sobre a aceitação social da criança ($B = .06$, $t = .49$, $p = .62$). Do mesmo modo, também não se apurou um efeito indireto ($B = .05$, Sobel $Z = 1,53$, $p = .13$; 95% Boot IC = .00; .11).

Quadro 7. Efeito do estilo autoritativo na aceitação social mediado pelos problemas de comportamento externalizantes

Variáveis predictoras	Comportamentos externalizantes		Aceitação social	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			-1.46	.79
Estilo autoritativo			.11	.12
<i>Efeito direto</i>				
Constante	1.46*	.49	-.93	.79
Estilo autoritativo	-.13	.08	.06	.12
Comportamentos externalizantes			-.36**	.09
<i>Efeito indireto</i>				
			.05	.03
		95% Bootstrap IC	.00	.12
		R ² = .04		R ² = .09
		F (5, 293) = 2,46*		F (6,292) = 4,69**

Nota. Variáveis de controlo: sexo, idade, afetividade negativa e competência verbal. *p <.05. ** p<.001.

Relativamente ao sexto modelo de mediação, pretendia-se avaliar se os problemas de comportamento internalizantes têm um efeito mediador na relação entre estilo autoritativo e a aceitação social. O modelo de mediação explicava 2% ($R^2=.02$) (ver Quadro 8) da variação da aceitação social, sendo estatisticamente significativo $F(6, 292) = 2,41^*$, $p <.05$. É possível verificar-se que o estilo autoritativo não teve efeito direto sobre os problemas de comportamento internalizantes ($B = -.02$, $t = -.34$, $p = .70$) nem teve efeito direto sobre a

aceitação social da criança ($B = .10$, $t = .83$, $p = .41$). Também não se apurou um efeito indireto ($B = .00$, Sobel $Z = .31$, $p = .75$, 95% Boot IC = $-.01$; $.04$).

Quadro 8: Efeito do estilo autoritativo na aceitação social mediado pelos problemas de comportamento internalizantes

Variáveis predictoras	Comportamentos internalizantes		Aceitação social	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			-1.46	.79
Estilo autoritativo			.11	.12
<i>Efeito direto</i>				
Constante	.68	.39	-1.34	.80
Estilo autoritativo	-.02	.06	.10	.12
Comportamentos internalizantes			-.18	.12
<i>Efeito indireto</i>				
			.00	.01
		95% Bootstrap IC	-.01	.04
		$R^2 = .02$		$R^2 = .05$
		$F(5,293) = 1.30$		$F(6,292) = 2.41^*$

Nota. Variáveis de controle: sexo, idade, afetividade negativa e competência verbal. * $p < .05$. ** $p < .001$.

CAPÍTULO 4

Discussão

Nesta secção, apresentamos uma discussão dos resultados do estudo, com base na revisão da literatura realizada e tendo em conta os objetivos e as hipóteses formuladas enquadrando-os no contexto nacional e internacional. Este estudo tinha como objetivo testar o efeito mediador dos problemas de comportamento internalizantes e externalizantes na relação entre estilos parentais e a aceitação social. Pretendia-se, ainda, analisar as diferenças dos estilos parentais, da aceitação social e dos problemas de comportamento em função do sexo da criança.

No que respeita a primeira hipótese, esta hipótese foi confirmada parcialmente pois não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino quanto aos problemas de comportamento externalizantes. A literatura aponta que as crianças do sexo masculino como aquelas que apresentam mais problemas de externalização (Abdi, 2010; Shala, 2013). No que diz respeito aos níveis de aceitação social, os nossos resultados diferem daqueles reportados por Morais, Otta e Scala (2001), segundo os quais as raparigas são normalmente classificadas como mais populares que os rapazes, apresentando índices maiores de aceitação, preferência e impacto social e índices mais reduzidos de rejeição em relação aos rapazes (Ladd, Kochenderfer, & Coleman, 1996).

Relativamente à segunda hipótese, a nossas análises sugerem que o estilo autoritativo não está associado à aceitação social da criança. Desta forma, a segunda hipótese, segundo a qual as crianças filhas de pais que usam mais frequentemente atitudes parentais associadas a um estilo autoritativo apresentam maiores níveis de aceitação social, não foi confirmada. Várias investigações prévias indicaram que as crianças cujas figuras parentais adotam o estilo autoritativo têm relações mais positivas com os seus pares do que as crianças cujos pais ou cuidadores apresentam um estilo permissivo (Altay & Gure, 2012; Aunola & Nurmi, 2005; Gomes, 2011). Assim, o resultado obtido não vai ao encontro da revisão da literatura.

Seguidamente, quanto à terceira hipótese também não foi confirmada na medida em que não foram encontradas associações simples entre os estilos autoritativo e permissivo com a aceitação social. Este resultado não demonstrou ser consistente com a literatura que menciona que quanto mais as figuras parentais são autoritárias, menos competentes são as crianças socialmente (Freitas, 2012).

A quarta hipótese, segundo a qual, as crianças que apresentam mais problemas de comportamento internalizantes e externalizantes apresentavam menores níveis de aceitação social, foi confirmada. Estes resultados vão ao encontro do estudo de Rubin e colaboradores (2006) que refere que as crianças em idade pré-escolar que se comportam de modo socialmente apropriado desenvolvem relacionamentos positivos com os seus pares, enquanto que as crianças que se comportam de forma menos apropriada podem ser rejeitadas pelos seus pares.

Quanto à última hipótese colocada, H5, segundo a qual a relação entre os estilos parentais e a aceitação social é mediada pelos problemas de comportamento, foi confirmada parcialmente porque uma das mediações foi estatisticamente significativa. Verificou-se que a relação entre o estilo autoritário e a aceitação social é mediada pelos problemas de comportamento externalizantes.

4.1. Limitações e futuras investigações

Relativamente às limitações deste estudo apontam-se a baixa consistência interna de algumas das escalas utilizadas, como a escala dos estilos parentais que foi usada e o instrumento Sistema de Avaliação das Competências Sociais. A consistência interna nestes instrumentos estava abaixo daquilo que se esperava, logo menor precisão dos dados obtidos, o que poderá colocar em causa a validade dos resultados obtidos. A fidelidade de uma medida é o primeiro passo para saber da sua validade (Maroco & Garcia-Marques, 2006). Também seria relevante termos informação sobre a composição do agregado familiar na medida em que nos permite ter uma visão mais clara dos fatores de risco na família. Em futuras investigações, seria importante incluir a figura paterna das crianças, na medida em que de acordo com a literatura nem sempre na mesma família são adotadas as mesmas características relativas ao estilo parental e também que este estudo fosse alargado a outras zonas do país, para que possamos perceber se os estilos parentais adotados vão variando em função do meio (rural ou urbano) onde a criança se encontra inserida. Outras limitações que podem ser apontadas é o fato de não terem sido consideradas outras variáveis relativas à qualidade das salas e à composição do grupo de crianças.

Conclusões

O conhecimento dos estilos parentais é fundamental porque nos possibilita perceber e identificar as formas de relação entre pais e filhos (Darling & Steinberg,1993). Existem bastantes investigações sobre a relação entre estilos parentais e problemas de comportamento, mas relativamente à relação entre estilos parentais e aceitação social no grupo de pares e até sobre aceitação social no grupo de pares e problemas de comportamento também não existem muitas investigações. Desta forma, este estudo aborda de forma específica uma relação entre as variáveis que têm sido pouco estudadas na literatura.

Realçamos como principais conclusões deste estudo, a associação entre algumas variáveis sociodemográficas com o estilo autoritário e permissivo e a associação positiva entre o estilo autoritário e os comportamentos externalizantes. Desta forma, os resultados deste estudo remetem para a importância de apostar-se na intervenção junto de famílias com menores níveis de educação, de modo a ajudá-las a encontrar um melhor equilíbrio entre controlo e afeto e de forma a reduzir os problemas de comportamento externalizantes das crianças. De facto, é importante ajudarem-se as figuras parentais no desenvolvimento de atitudes adequadas para a educação dos seus filhos/as, sendo importante uma aposta na formação parental através do fornecimento de elementos úteis para intervenções preventivas, como é o caso dos programas orientados para os pais, ajudando-os a vivenciar a parentalidade de modo mais satisfatório, contribuindo desta forma para o bem-estar dos pais e das crianças.

Posto isto, este estudo é mais um contributo na área da parentalidade, reforçando a importância da realização de investigações nesta área para promover o desenvolvimento saudável das crianças. Este estudo apresentou uma amostra de dimensão razoável, com o controle de variáveis importantes como o estatuto socioeconómico, a competência verbal das crianças e a utilização de análises sofisticadas. Os principais resultados do presente estudo evidenciaram diferenças estatisticamente significativas entre crianças do sexo feminino e crianças do sexo masculino quanto aos problemas de comportamento externalizantes, com as crianças do sexo masculino a apresentarem resultados mais elevados. Verificou-se também um efeito positivo e significativo do estilo autoritário sobre os problemas de comportamento externalizantes.

Referências Bibliográficas

- Abdi, B. (2010). Gender differences in social skills, problem behaviours and academic competence of Iranian kindergarten children based on their parent and teacher ratings. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 5, 1175-1179. doi: 10.1016/j.sbspro.2010.07.256
- Achenbach, T. (1991). *Manual for the Child Behavior Checklist/4-18 and 1991 profile*. Burlington, VT: University of Vermont, Department of Psychiatry.
- Achenbach, T. (2007). Applications of the Achenbach system of empirically based assessment to children, adolescents, and their parents. In S. R. Smith & L. Handler (Eds.), *The clinical assessment of children and adolescents: A practitioner's handbook* (pp. 327-344). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Akhter, N., Hanif, R., Tariq, N., & Atta, M. (2011). Parenting styles as predictors of externalizing and internalizing behaviour problems among children. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 26 (1), 23-41.
- Almeida, A. (2000). *As relações entre pares em idade escolar*. Braga: Universidade do Minho.
- Altay, F., & Gure, A. (2012). Relationship among the parenting styles and the social competence and prosocial behaviors of the children who are attending to state and private preschools. *Educational Sciences: Theory & Practice*, 12 (4), 2712-2718. doi:10.1007/s10648-005-3950-1
- Anthony, J., & Vadakedom, S. (2017). Parenting and its influence on child behaviour. *Journal of Evidence Based Medicine and Healthcare*, 4 (94), 5806-5811. doi:10.18410/jebmh/2017/1169
- Aunola, K., & Nurmi, J. (2005). The role of parenting styles in children's problem behavior. *Child Development*, 76 (6), 1144-1159. doi: 10.1111/j.1467-8624.2005.00840.x-i1
- Barroso, R., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52 (1), 211-229. doi: 10.14195/1647-8606
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37 (4), 887-907.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4, 1-103.
- Baumrind, D. (1991). Parenting styles and adolescent development. In J. Brooks-Gunn, R. Lerner, A.C. Peterson (Eds.), *The encyclopedia of adolescence* (pp.746-758). New York, NY: Garland.
- Boivin M. (2005). The origin of peer relationship difficulties in early childhood and their impact on children's psychosocial adjustment and development. *Encyclopedia on Early Childhood Development*, 1-7.
- Bornstein, M., & Zlotnik, D. (2008). Parenting styles and their effects. In M.M. Haith & J.B. Benson (Eds), *Encyclopedia of infant and early childhood development* (pp. 496-509). Amsterdam: Elsevier.
- Brar, S. (2003). Child temperament, parenting style and externalizing and internalizing behavior of young children of Indian immigrants in Canada. *Doctoral dissertation*. Massachusetts: University of Massachusetts.
- Braza, P., Carreras, R., Muñoz, J., Braza, F., Azurmendi, A., Pascual-Sagastizábal, E., Cardas, J., & Sánchez-Martín, J. (2013). Negative maternal and paternal parenting styles as predictors of children's behavioral problems: Moderating effects of the child's sex. *Journal of Child and Family Studies*, 24 (4), 847-856. doi: 10.1007/s10826-013-9893-0
- Camargo, S., & Bosa, C. (2012). Competência social, inclusão escolar e autismo: Um estudo de caso comparativo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28 (3), 315-324. doi: 10.1590/S0102-37722012000300007
- Campbell, S. (1997). Behavior problems in preschool children. *Advances in Clinical Child Psychology*, 1-26.
- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 4 (31), 393-406.

- Chen, X., Dong, Q., and Zhou, H. (1997). Authoritative and authoritarian parenting practices and social and school performance in Chinese children. *International Journal of Behavioral Development*, 21, 855–873. doi: 10.1080/016502597384703
- Conboy, J. (2008). *Parentalidade e educação*. In: Bayle, F. & Martinet, S. (2008). *Perturbações da Parentalidade* (pp.301-312). Lisboa: Climepsi Editores.
- Coplan, R. J., & Arbeau, K. A. (2009). Peer interactions and play in early childhood. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 143-161). New York: Guilford Press.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113 (3), 487-496. doi: 10.1037/0033-2909.113.3.487
- Dornbusch, S., Ritter, P., Liederman, P., Roberts, D., & Fraleigh, M. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. *Child Development*, 58, 1244-1257. doi:10.2307/1130618
- Dunn, L. (1986). *Test de vocabulario en imágenes Peabody*. Adaptación española. Madrid: MEPSA (Traducción de Santiago Pereda).
- Fabes, R., Martin, C., & Hanish, L. (2009). Children's behaviors and interactions with peers. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Social, emotional, and personality development in context. Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 45-62). New York, NY, US: The Guilford Press.
- Ferreira, M., Aguiar, C., Correia, N., Fialho, M., & Pimentel, J. (2019). Friendships and Social Acceptance of Portuguese Children with Disabilities: The Role of Classroom Quality, Individual Skills, and Dosage. *Topics in Early Childhood Special Education*. 39 (3) 183–195. doi: 10.1177/0271121419864419
- Freitas, C. (2012). *Estilos parentais e a adaptação psicossocial da criança ao pré-escolar*. Tese de Mestrado. Lisboa: ISPA.
- Gomes, I. (2011). *Acreditar no futuro*. Editora Leya. Alfragide.
- Guerreiro, A. (2013). *O papel das práticas parentais no desenvolvimento e no bem-estar subjetivo da criança*. *Dissertação de Mestrado*. Algarve: Universidade do Algarve.
- Gresham, F., & Elliott, S. (1990). *Social skills rating system*. Circle Pines, MN: American Guidance Services.
- Grigorenko, E., & Sternberg, R. J. (2000). Elucidating the etiology and nature of beliefs about parenting styles. *Developmental Science*, 3 (1), 93-112. doi: 10.1111/1467-7687.00103
- Hart, C., Newell, L. & Olsen, S. (2003). Parenting skills and social-communicative competence in childhood. In Greene, J. & Burleson, B. (Ed.), *Handbook of communication and social interaction skills* (pp. 753–797). New Jersey, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Hayes, A. (2012). PROCESS: a versatile computational tool for observed variable mediation, moderation, and conditional process modeling.
- Hoff, E., Laursen, B., & Tardif, T. (2002). Socioeconomic Status and Parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting* (pp. 231-252). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Hymel, S., Vaillancourt, T., McDougall, P., & Renshaw, P. (2002). Peer acceptance and rejection in childhood. In P. Smith, & C. Hart (Eds), *Blackwell handbook of childhood social development* (pp. 265-284). Malden, MA: Blackwell.
- Johnson, C., Ironsmith, M., Snow, C., & Poteat, M. (2000). Peer acceptance and social adjustment in preschool and kindergarten. *Early Childhood Education Journal*, 27 (4), 207-212.
- Kane, M. (2005). *Contemporary issues in parenting*. New York, NY: Nova Science Publishers.
- Kingery, J., Erdley, C., & Marshall, K. (2011). Peer acceptance and friendship as predictors of early adolescents' adjustment across the middle school transition. *Merrill-Palmer Quarterly*, 57, 215-243.

- Ladd, G., Kochenderfer, B., & Coleman, C. (1996). Friendship quality as a predictor of young children's early school adjustment. *Child Development, 67* (6), 1103-1118. doi: 10.2307/1131882
- Ladd, G. (2005). *Children's peer relations and social competence: A century of progress*. New Haven, Connecticut: Yale University Press.
- Lin, T., Justice, L., Paul, N., & Mashburn, A. (2016). Peer interaction in rural preschool classrooms: Contributions of children's learning-related behaviors, language and literacy skills, and problem behaviors. *Early Childhood Research Quarterly, 37*, 106-117. doi: 10.1016/j.ecresq.2016.04.001
- Lloyd, K., & Devine, P. (2006). Parenting Practices in Northern Ireland: Evidence from the Northern Ireland Household Panel Survey. *Child Care in Practice, 12* (4), 365-376. doi:10.1080/13575270600863275
- Llorca, A., Richaud, M., & Malonda, E. (2017). Parenting, peer relationships, academic self-efficacy, and academic achievement: Direct and mediating effects. *Frontiers in Psychology, 8*. doi:10.3389/fpsyg.2017.02120
- Marcone, R., & Affuso, G., & Borrone, A. (2017). Parenting styles and children's internalizing-externalizing behavior: The mediating role of behavioral regulation. *Current Psychology, 1-12*. doi: 10.1007/s12144-017-9757-7
- Mash, E., & Dozois, D. (1996). Child psychopathology: A developmental-systems perspective. In E. J. Mash & R. A. Barkley (Eds.), *Child psychopathology* (pp. 3-60). New York, NY, US: Guilford Press.
- Morais, M., Ota, E., & Scala, C. (2001). Status sociométrico e avaliação de características comportamentais: Um estudo de competência social em pré-escolares. *Psicologia Reflexão e Crítica, 14*, 119-131. doi: 10.1590/S0102-79722001000100010
- Mostow, A., IZard, C., Fine, S., Trentacosta, C. (2002). Modeling emotional, cognitive, and behavioral predictors of peer acceptance. *Child Developmental, 73* (6), 1775-1787. doi: 10.1111/1467-8624.00505
- Nix, R., Pinderhughes, E., Dodge, K., Bates, J., Pettit, G., & McFadyen, S. (1999). The relation between mothers' hostile attribution tendencies and children's externalizing behavior problems: The mediating role of mothers' harsh discipline practices. *Child Development, 70* (4), 896-909. doi: 10.1111/1467-8624.00065
- Papalia, D., Olds, & Feldman, R. (2001). *O Mundo da criança*. Amadora: McGraw-Hill.
- Pedro, M., Carapito, E. & Ribeiro, T. (2015). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire: Versão Portuguesa de Autorrelato. *Psicologia Reflexão e Crítica, 28*(2), 302-312.
- Pereira, A. (2007). Crescer em relação: Estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento. *Dissertação de Doutoramento*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Pinderhughes, E., Dodge, K., Bates, J., Pettit, G., & Zelli, A. (2000). Discipline responses: Influences of parents' socioeconomic status, ethnicity, beliefs about parenting, stress, and cognitive-emotional processes. *Journal of Family Psychology, 14*(3), 380-400. doi: /10.1037/0893-3200.14.3.380
- Pinquart, M. (2017). Associations of parenting dimensions and styles with externalizing problems of children and adolescents: An updated meta-analysis. *Developmental Psychology, 53* (5), 873-932. doi: 10.1037/dev0000295
- Pires, C. (2009). Estilos educativos parentais, autoconceito e desempenho académico. *Dissertação de Mestrado*. Lisboa: Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.
- Putnam, S., & Rothbart, M. (2006). Development of Short and Very Short Forms of the Children's Behavior Questionnaire. *Journal of Personality Assessment, 87* (1), 103-113. doi: 10.1207/s15327752jpa8701_09

- Querido, J., Warner, T., & Eyberg, S. (2002). Parenting styles and child behavior in African American families of preschool children. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 31, 2. doi: 10.1207/S15374424JCCP3102_12
- Richaud, M., Moreno, J., & Sacchi, C. (2011). Un modelo acerca de la relación entre los vínculos interpersonales y el afrontamiento en la adolescencia. In M. Richaud, V. Lemos (Ed.), *Compendio de Investigaciones Actuales*. Buenos Aires y Entre Ríos: CIIPME CONICET.
- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S., & Hart, C. (2001). The parenting styles and dimensions questionnaire (PSDQ). In B. F. Perlmutter, J. Touliatos, & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of family measurement techniques: Vol. 3. Instruments & Index* (pp. 319-321). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Rose, J., Roman, N., Mwaba, K., & Ismail, K. (2017). The relationship between parenting and internalizing behaviours of children: A systematic review. *Early Child Development and Care*, 188 (10), 1468-1486. doi: 10.1080/03004430.2016.1269762
- Rothbart, M., Ahadi, S., Hershey, K., & Fisher, P. (2001). Investigations of temperament at three to seven years: the Children's Behavior Questionnaire. *Child Development*, 72(5), 1394-1408.
- Rubin, K. H., Bukowski, W. M., & Parker, J. G. (2006). Peer interactions, relationships and groups. In W. Damon, R. M. Lerner, N. Eisenberg (Ed.), *Handbook of child psychology* (6th ed.) Hoboken: John Wiley & Sons.
- Shahla, A., Mansor, T., Rohani, A., & Mansor, M. (2011). Relationship between parenting style and children's behavior problems. *Asian Social Science*, 7 (2), 195-200. doi:10.5539/ass.v7n12p195
- Santos, C. (2013). Contextualizando os estilos parentais na idade pré-escolar: variáveis individuais e familiares. *Dissertação de Mestrado*. Porto: Faculdade do Porto.
- Santos, A. (2016). Percepção dos estilos educativos parentais e sua relação com o bem-estar subjetivo e com a confiança interpessoal na adolescência: Um estudo com adolescentes e seus pais. *Dissertação de Mestrado*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Sarwar, S. (2016). Influence of parenting style on children's behaviour. *Journal of Education and Educational Development*, 3 (2), 222-249. doi: 10.22555/joeed.v3i2.1036
- Simões, S. (2011). Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família. *Dissertação de Doutoramento*. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar.
- Simões, S., & Pocinho, M. (2011). Estilos educativos parentais e comportamentos de vinculação das crianças em idade escolar. *Interações*, 20, 75-99.
- Shala, M. (2013). Differences in behaviours problems among preschool children: Implications for parents. *Journal of Educational and Social Research*, 3 (7), 716-720 doi:10.5901/jesr.2013.v3n7p716
- Shonkoff, J., & Philips, D. (2000). *From neurons to neighborhoods; The Science of early childhood development*. Washington, DC: National Academy Press.
- Steinberg, L. & Silk, J. (2002). Parenting Adolescents. In Bornstein, M. H. *Handbook of Parenting*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Tavassolie, T., Dudding, S., Madigan, A., Thorvardarson, E., & Winsler, A. (2016). Differences in perceived parenting style between mothers and fathers: Implications for child outcomes and marital conflict. *Journal of Child and Family Studies*, 25 (6), 2055-2068. doi: 10.1007/s10826-016-0376-y
- Vyas, K., & Bano, S. (2016). Child's gender and parenting styles. *Delhi Psychiatry Journal*, 19 (2), 289-293.
- Wennar, C. (1994). *Development psychopathology: From infancy through adolescence*. New York: McGraw-Hill.
- Wood, J., Cowan, P., & Baker, B. (2002). Behavior problems and peer rejection in preschool boys and girls. *The Journal of Genetic Psychology*, 163 (1), 72-88.

Zahn-Waxler, C., Klimes-Dougan, B., & Slattery, M. J. (2000). Internalizing problems of childhood and adolescence: Prospects, pitfalls, and progress in understanding the development of anxiety and depression. *Development and Psychopathology*, 12 (3), 443-466.doi: 10.1017/S0954579400003102